

JULIO DANTAS

A Castro



PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
LISBOA

JÚLIO DANTAS

Sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

A CASTRO

Adaptação, em 4 actos, da CASTRO, de António Ferreira

2.^a EDIÇÃO

Outubro 2014

PER ORBEM PVBLICVS



LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.^a
RUA DA CONDESSA, 80

tar-lhe, arrancando a Castro à poeira das bibliotecas, onde só a conheciam os ratos e os filólogos, para, ao fim de três longos séculos, a atirar, em pleno esplendor e em plena glória, para a luz ofuscante do teatro.

JÚLIO DANTAS.

FIGURAS

Inês de Castro	AMÉLIA REY COLAÇO
A Ama.....	LUCINDA DO CARMO
Uma donzela de Inês.....	OFÉLIA BROCHADO
Uma mulher	ADELAIDE SOARES
Afonso IV.....	ROBLES MONTEIRO
Infante D. Pedro	CLEMENTE PINTO
O aio.....	AUGUSTO DE MELO
Um velho.....	EDUARDO RAPOSO
O mensageiro	EDUARDO FREITAS
Diogo Lopes Pacheco.....	SEIXAS PEREIRA
Pero Coelho.....	JOSÉ CARDOSO
Alvaro Gonçalves.....	BOTELHO DO AMARAL

Côro de donzelas de Inês. Bispos, ricos-homens, abades-bentos, monteiros, falcoeiros, homens de armas, escudeiros, trombeteiros, carrascos, povo, os três filhos de Inês (Infantes D. Beatrís, D. João e D. Denis).

Primeiro acto: em Coimbra, na quinta das Lágrimas.
Segundo acto: no paço real de Montemór. *Terceiro acto:* no paço de Santa-Clara, em Coimbra. *Quarto acto:* numa estalagem da Beira.

PRIMEIRO ACTO

ACTO I

A scena passa-se na Quinta-do-Pombal, perto dos paços de Santa-Clara, em Coimbra. Na névoa doirada da manhã adivinham-se os gigantes do convento de claristas, que Santa Isabel fundou. Junto da Fonte-dos-Amores, que sussurra no silêncio e na sombra, uma grande cadeira gótica repousa sobre um tapete mourisco. E' nessa cadeira que está INÊS, ao levantar do pano, tendo, assentado aos pés numa almofada de brocado, um escudeiro moço, quasi uma criança, que toca alaúde. As donzelas e cuvilheiras da «Colo-de-Garça» colhem flores e riem, ao F., entre o arvoredo. São elas que constituem o côro da tragédia. — Música de scena. — Manhã.

SCENA I

INÊS, A AMA, DONZELAS DO CÔRO

INÊS

Colhei, colhei alegres,
Donzelas minhas, mil cheirosas flores!
Tecei frescas capelas
De lírios e de rosas. Coroai, tôdas,
As doiradas cabeças!

Respirem suaves cheiros
De que se encha o ar todo.
Sõem doces tangeres, doces cantos.
Honrai o claro dia,
Meu dia tão ditoso!

AMA, aproximando-se de INÊS, com ternura

Que novas festas, novos cantos pedes?

INÊS, com as lágrimas nos olhos

Ama! Na criação, ama; no amor, mãe!
Como eu me sinto alegre!

AMA

Novos extremos vejo:
Nas palavras, prazer; água nos olhos!
Quem te fêz, a um tempo, leda e triste?

INÊS

Triste não pode estar quem vês contente.

AMA

Mistura às vezes a fortuna, tudo.

INÊS

Riso, prazer, brandura na alma tenho!

AMA, *enxugando-lhe os olhos*

Lágrimas são sinais de má fortuna.

INÊS

São da boa fortuna companheiras.

AMA

Que fôrça de prazer tas traz aos olhos?

INÊS

Vejo o meu bem seguro, que receava.

AMA

Porque me tens suspensa?
Abre-me já, senhora, essa alma tua.
O mal, abranda; o bem, contando-o, cresce.

INÊS, *erguendo-se*

O' ama! Amanheceu-me um claro dia!

Emquanto INÊS desce, com a AMA, o estudante do alaúde, que lhe tem beijado a mão, sobe para junto das donzelas, assenta-se ao F., num banco de pedra, e continúa tocando. A música acompanha a fala de INÊS:

Falei ao meu senhor. Infante Pedro!
Meu doce amor, minha esperança e honra!
Sabes como em saindo dos teus braços,
Ama, na viva flor da minha idade,
(Ou fosse fado meu, ou estrela minha!)
Com os olhos lhe acendi no peito o fogo,
Fogo que sempre ardeu, e inda arde agora
Na primeira viveza, inteiro e puro.

Mas o espírito inquieto com os clamores
Do povo, e os rogos graves, que trabalham
Apartar êste amor, quebrar-lhe a fôrça,
Me traziam mudada, receando
A volta da fortuna, porque sempre
Um grande bem, um maior mal promete.
Lograva, como a mêdo, os meus amores;
Criava o grande amor, desconfiança;
E agora, já confio, nada temo.
Falei a meu senhor.

AMA

Que lhe disseste?

E êle, que te falou?

INÊS

Tomei os filhos

Com lágrimas nos olhos, rosto branco,
E em chôro sôlto, comecei: «Senhor!
Soam-me as cruéis vozes dêste povo,
Vejo d'el-Rei a fôrça e império grave
Armados contra mim, contra a constância
Que em meu amor, té agora, tens mostrado!

Não receio, senhor, que a fé tão firme
Queiras quebrar a quem tua alma deste;
Mas receio a fortuna, que mais possa
Com seu furor, que tu com teu carinho!
Por estas minhas lágrimas; por esta
Tua mão que em sinal de fé me deste;
Pelos doces amores, doce fruto
Que dêle tens diante, te suplico
Me segures, me guardes, me conserves
Contra os duros mandados de teu pai,
Contra importunas vozes dos que podem
Mudar acaso o teu constante peito!
Ou quando a minha estrela e cruel génio
Te puder arrancar desta alma minha,
Com teu amado braço envolto em sangue
Ma arranques dêste corpo, ó meu Infante,
E eu tomarei por doce a minha morte!»

AMA, chorando

Moveste-me a alma e os olhos...

INÊS

Assim disse,
Ama.

AMA

E êle?

INÊS

E êle, então, lançando os braços
Estreitamente em mim, em vão trabalha,
Mudado todo, de encobrir a mágua
De meu temor e lágrimas: «E pode,
O' Dona Inês — me diz — pode teu peito
Conceber tal receio? Aquele dia
Primeiro que te vi, não mostrou logo
Que esta minha alma é tua até à morte?
Por ti me é doce a vida; por ti espero
Acrescentar impérios; sem ti, o mundo
Era um duro deserto para mim!
Na tua mão te ponho, firme e fixa,
Minha alma. Por Infanta te nomeio,
Do meu amor senhora. E no alto estado
Que me espera, só tu serás rainha!»
— Assim falou o meu senhor.

AMA, *com júbilo*

Rainha!